

Mudança semântica e formação de palavras

Semantic change and word formation

Maurício Resende

Universidade de São Paulo (USP)

Rodolfo Ilari

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148543108>

Resumo: Este estudo investiga a relação entre fenômenos sincrônicos e diacrônicos no que tange à combinação das peças morfológicas e à sua interpretação ao longo do tempo. Para tanto, apresenta a tipologia para os tipos de mudança semântica, proposta por Rainer (2005), e sua aplicação ao português. Com base nessa tipologia, este trabalho discute duas questões recentes dos estudos morfológicos: (i) de que forma processos sincrônicos servem como evidência para a identificação de uma mudança semântica diacrônica, (ii) qual o estatuto de “palavra” no que concerne às mudanças diacrônicas. Em síntese, este artigo discute questões teóricas e metodológicas importantes para duas linhas de investigação com base no mesmo fenômeno.

Palavras-chave: Mudança semântica. Formação de palavras. Fenômenos diacrônicos.

Abstract: the present paper investigates the relation between synchronic and diachronic phenomena concerning both matching of morphological pieces and their interpretation. In order to do so, this work presents the typology for semantic change, proposed by Rainer (2005), and its application to Portuguese. From this typology, this paper discusses two current issues surrounding morphological studies, namely, (i) how synchronic processes provide evidence for identifying diachronic semantic change, (ii) which the status of “word” is in relation to diachronic change. In short, the present work discusses important theoretical and methodological issues for two lines of investigation in the light of the same phenomenon.

Keywords: Semantic change. Word formation. Diachronic phenomena.

1. Introdução

A cisão entre sincronia e diacronia é bastante antiga dentro dos estudos linguísticos (remetendo a uma das dicotomias saussurianas), e a separação metodológica entre explicações diacrônicas (documentais, em uma larga medida) e sincrônicas (que oferece aos dados representações compactas por meio de uma análise introspectiva dos fenômenos, pelo menos, no caso dos trabalhos da vertente chomskyana) é amplamente aceita e tem fomentado a instituição de diferentes campos de investigação linguística. De qualquer forma, uma das críticas a esse tipo de divisão é a de que não raramente uma explicação sincrônica (descritiva e/ou intuitiva) se sobrepõe à explicação diacrônica (documental) – cf. Viaro (2012).

Maurício
Sartori
Resende

Rodolfo Ilari

248

Ainda que “diacronia” e “sincronia” sejam caminhos relativamente bem definidos que visam ao mesmo ponto de chegada, qual seja: à explicação para um dado fenômeno linguístico, não é incomum encontrar trabalhos, sobretudo no domínio da morfologia, que usam informações diacrônicas (no limite, etimológicas) a respeito das peças morfológicas (raízes e afixos) com o intuito de explicar certos padrões e/ou de caracterizar certos processos de formação de palavras.

A tradição gramatical está repleta de exemplos desse tipo, dentre os quais, destacam-se as explicações mais correntes do processo conhecido como “hibridismo” – a operação para formar palavras que junta peças morfológicas de origens diferentes, como *burocracia* (*buro* do francês + *cracia* do grego) – e o hábito dos gramáticos de apresentar listagens de prefixos gregos e latinos que compõem o repertório de afixos do português, sugerindo que conhecer a etimologia de um dado afixo pode otimizar a produtividade morfológica do falante e/ou a sua competência lexical – sugestão que tem sido enfaticamente criticada por muitos linguistas; entre eles, Rocha (1998).

Pondo de lado esses casos, muitos estudos de morfologia – orientados principalmente por uma abordagem sincrônica e pela competência do falante nativo – têm sugerido que certos processos de formação de palavras são sensíveis a aspectos diacrônicos das peças morfológicas que as compõem. Brinton (1995), por exemplo, mostra que o afixo zero do inglês ocorre preferencialmente com raízes nativas, ao passo que sufixos de origem latina (como *-(a)tion* e *-ment*) são mais produtivos com raízes também latinas, exemplos dessa generalização podem ser observados em pares verbo/nome como *love/*

love ('amar/amor'), *laugh/laugh* ('rir/risada'), *work/work* ('trabalhar/trabalho'), mas *examine/examination* ('examinar/exame'), *conceive / conception* ('conceber, concepção') etc.

Compartilhando a mesma intuição, Rio-Torto (2014) e Resende (2018) igualmente defendem que alguns processos derivacionais do português são mais recorrentes com elementos de uma certa origem do que com outras. Rio-Torto propõe que certas raízes são marcadas com um traço [+ERUDITO] e, logo, só se combinam com elementos derivacionais com a mesma especificação, como em *arvoredo/arbóreo*, *doçura/dulcificar*, *vidrado/vítreo*. Os afixos *-eo* e *-ific-* se juntam a raízes eruditas, mas *-edo*, *-ura* e *-ado*, não. Nesses casos, a alomorfia da raiz dependeria da origem (erudita) das peças morfológicas.

Nessa mesma perspectiva, Resende (2018) defende que certos processos de sufixação só estão disponíveis para palavras/raízes de origem latina, tais como o sufixo *-al* (mas também *-ar* e *-idade*), que só se combina(m) com elementos provenientes do latim, o que pode ser exemplificado por *peitoral/*peital*, (cf. *peitudo*), *manual/*mãozal* (cf. *mãozudo*). *temporal/*tempal* (cf. *intempestivo*) etc. O autor mostra que, desde o reconhecimento de uma *língua portuguesa* (aproximadamente o ano de 1216), todas as raízes que vêm se combinando com esse(s) sufixo(s) assumem uma alomorfia erudita (semelhante à forma latina), do que o autor conclui que alguns processos de formação de palavras são sensíveis a características diacrônicas.

Se por um lado, há trabalhos que sugerem que alguns processos morfológicos sincrônicos são sensíveis a características diacrônicas; por outro, há estudos que defendem que alguns processos de mudança diacrônicos podem ser constatados através de fenômenos sincrônicos. Resende (2020), por exemplo, defende que a mudança semântica de uma dada raiz pode ser capturada através de critérios formais.

Conforme o autor, até a popularização da internet, o verbo (estativo) *curtir*, derivado da raiz $\sqrt{\text{CURT}}$, tinha o sentido de “divertir-se”, “aproveitar” e se nominalizava por meio do sufixo *-ção* (*curtição*). Com o surgimento das redes sociais, *curtir* passou a ser empregado em português brasileiro (PB)¹ como equivalente a *like* ('gostar') do inglês para indicar uma reação positiva (e deliberada) a uma dada postagem. Com essa acepção, a nominalização passou a ser *curtida*

1 No português europeu, o equivalente a *like* é “gosto”.

(e não *curtição*; ou *curtimento* de *curtir* o couro/a carne). Disso segue a conclusão de que a mudança semântica de uma dada raiz² (nesse caso, uma expansão de sentido) pode reverberar nos processos morfológicos aos quais ela se submete.

Casos como esse servem para iluminar duas questões importantes que versam sobre a relação entre mudança semântica e formação de palavras. A primeira delas diz respeito à ideia de que diacronia e sincronia podem não ser tão radicalmente antagônicas como seria de se esperar à primeira vista, dada a existência de um conjunto de fenômenos para o qual a intersecção entre esses dois planos é evidente. A segunda questão envolve um tópico atual das discussões sobre teoria morfológica (embora já debatido por estruturalistas) que tem a ver com o estatuto da palavra como uma unidade privilegiada de análise linguística.

Sobre essa questão, opondo-se radicalmente à tradição de estudos de morfologia baseada em palavra, Marantz (1997) – e trabalhos subsequentes – argumenta que “palavra” é um epifenômeno e não tem nenhum estatuto teórico privilegiado como unidade de análise em qualquer nível (fonológico, semântico, estrutural), à luz dos processos sincrônicos.

Nesse cenário, o presente artigo tem dois objetivos principais e, em certa medida, interdependentes, a saber, (i) discutir de que modo a mudança semântica diacrônica pode ser observada à luz de processos morfológicos sincrônicos e (ii) verificar se, do ponto de vista diacrônico, a noção de “palavra” possui algum estatuto especial, ou seja, se é possível que a mudança semântica afete unidades (na morfologia) diferentes de palavra. Portanto, com base na discussão do mesmo fenômeno, o presente trabalho visa não somente contribuir para uma melhor compreensão da mudança semântica ao longo do tempo, mas também oferecer subsídios de natureza diacrônica para o debate recente na literatura sobre morfologia, que tem a ver com o estatuto da “palavra” como unidade de análise.

2 Como um dos pareceristas anônimos observou, o nome deverbal *curtição* continua sendo empregado com o sentido de *curtir* o couro e *curtir* a carne. Porém, segundo Cunha (2010), o verbo *curtir* entrou no português no século XVI com o sentido de “preparar” e, apenas no século XX, ganhou o sentido de “divertir-se”. Além disso, Cunha atesta que a nominalização *curtume* (de *curtir* o couro) entrou na língua em 1836; nesse caso, é perfeitamente possível supor que outra nominalização (*curtume* ou ainda *curtimento*) tenha se especializado justamente pela coexistência com o par *curtir/curtição* (de “divertir-se”), que tem outro sentido, e não é mais relacionável semanticamente (ou sincronicamente) a *curtir* (o couro/a carne). Seja como for, o argumento de que um novo sentido para o verbo *curtir* (de “like”) desencadeou na mobilização de um sufixo nominalizador diferente (no caso, *curtida*) pode ser mantido.

Maurício
Sartori
Resende

Rodolfo Ilari

250

2. Unidades alvo da mudança semântica

Com vistas a discutir o estatuto morfológico das unidades alvejadas pela mudança semântica diacrônica, Rainer (2005) propõe uma teoria de mudança semântica na formação de palavras que se opõe à ideia de que os afixos não podem mudar seu significado independentemente de uma mudança no significado da palavra da qual eles fazem parte – hipótese defendida mais notavelmente por Jaberg (1965). Nessa oposição, Rainer (2005) argumenta que “palavra” só é uma unidade privilegiada em um certo conjunto de casos de mudança semântica (os quais ele chama de “reinterpretação”), mas que os padrões de formação de palavras – isto é, os afixos – podem seguir um curso de mudança semântica que ocorre independentemente – casos que o autor chama de “aproximação”.

Entendendo que a crítica que Rainer faz a Jaberg vai de encontro aos dois objetivos deste artigo, convém apresentar brevemente e discutir a tipologia da mudança semântica apresentada por Rainer (2005) e, adicionalmente, fornecer alguns dados do português que exemplificam os mesmos fenômenos. Em linhas gerais, Rainer (2005) é uma resposta à teoria de Jaberg (1965) sobre mudança semântica nos processos de formação de palavra. Conforme resume Rainer, essa teoria se baseia no pressuposto de que “o significado de um sufixo não é um conceito independente, mas apenas uma modificação constante de diferentes conceitos fundamentais; no que concerne à consciência linguística, base e sufixo formam um único conceito” (p. 417).

A partir desse papel secundário do significado dos afixos em relação ao significado das palavras (ou bases), como apresenta Rainer, Jaberg delinea duas consequências da hipótese de que o sufixo sozinho não pode mudar o seu significado, a saber, (i) a mudança semântica de um sufixo tem que ser explicada com base na mudança semântica das bases individuais, (ii) deve ser feita uma distinção entre neologismos e a mudança semântica das palavras individuais, com base no novo significado de um afixo.

Rainer afirma que a segunda asserção está, sem dúvida, incorreta. E, a partir de tal afirmação, o autor defende que somente a primeira das asserções de Jaberg deve ser investigada e que, para falseá-la, basta encontrar casos em que o novo significado de um padrão de formação de palavras (ou seja, o afixo) não é explicável a partir do resultado da mudança semântica das palavras individuais, seguido de uma reanálise que atribui os traços semânticos que resultam da mudança ao próprio padrão/afixo.

Maurício
Sartori
Resende

Rodolfo Ilari

252

Como comenta Rainer, nos estudos sobre mudança linguística, normalmente há uma distinção entre *mecanismos* de mudança e *caminhos* de mudança. O processo de mudança em si, de acordo com Rainer, é normalmente, dividido em três fases: o ato individual da inovação, a convencionalização e o estado resultante no sistema linguístico. No que tange à inovação, pelo menos, dois aspectos são distinguidos, quais sejam: os mecanismos por meio dos quais uma inovação vem à tona e os motivos por trás dessa inovação. Com base nessas considerações, Rainer defende que há dois tipos de mecanismo fundamental de mudança semântica na formação de palavras: a reinterpretação e a aproximação.

Na categoria à qual chama de REINTERPRETAÇÃO, o autor reúne um conjunto de onze processos de mudança semântica lexical e defende que somente nesses casos, a mudança semântica de um sufixo se explica através da mudança semântica das bases; esse processo passaria primeiramente por um estágio em que ocorre a mudança semântica das palavras individuais e, em seguida, por uma etapa em que há a reorganização dos elementos formais e semânticos – ou seja, uma “reinterpretação” do afixo, que leva a um novo mecanismo de formação de palavra.

Dos onze processos apresentados, Rainer discute os quatro que julga mais relevantes e mais transparentes do ponto de vista da mudança semântica (e posterior reinterpretação dos padrões de formação vocabular), quais sejam: *metonímia*, *metáfora*, *elipse* e *etimologia popular*; porém, descarta todos os processos de *estreitamento* e *extensão de significado* alegando que esses últimos normalmente obscurecem a natureza relacional das unidades que compõem as palavras complexas. Naturalmente, o processo de metáfora envolve uma extensão de significado (quando se deriva uma leitura abstrata de uma leitura concreta), e o de metonímia envolve o estreitamento de significado (quando se toma a parte pelo todo, por exemplo)³, como mostrado a seguir.

O ponto de Rainer é que, às vezes, a extensão ou o estreitamento do significado é tão acentuado que os falantes não são mais capazes de relacionar palavras que, um dia, fizeram parte da mesma família etimológica. Um exemplo do português é o de *traduzir* e *seduzir* (talvez *produzir*), que embora se originem do verbo latino *dūcō* (‘guiar, conduzir’), não estão mais semanticamente (ou seja, sincronicamente) relacionados a *conduzir*, *introduzir*, *induzir*, *reduzir*, *abduzir* e talvez *deduzir*.

3 Agradecemos a um dos pareceristas anônimos por ter chamado a atenção para esse problema.

No caso, é possível que o significado de *traduzir* (*tra-*, alomorfe de *trans-*, + *dūcō*) que significava “levar de um lado para o outro” tenha sido entendido para “levar de uma língua para outra” e, posteriormente, tenha perdido o seu significado (composicional) original, tornado “obscura sua natureza relacional” (p. 423).⁴

A respeito de mecanismos mais raros – como *transferência cohiponímica*, *antífrase*, *autoantonímia*, *autoconversividade* e *mudança semântica analógica* –, o autor entende que a ausência de exemplos é devida à baixa ocorrência de casos e não à impossibilidade de esses processos se aplicarem na língua. Rainer discute boa parte dessa tipologia a partir de dados do inglês, do francês, do latim e do alemão. Não é objetivo desta seção refazer todo esse percurso, mas é importante dar início à discussão da proposta de Rainer apresentando os processos que ele considerou prototípicos à luz de dados do português para que se possa, então, discorrer sobre a reorganização dos elementos morfossemânticos posterior à mudança semântica lexical.

De acordo com Rainer, a METONÍMIA talvez seja o tipo mais importante de mudança semântica lexical que leva à reinterpretação. Basicamente, trata-se do processo em que se toma a parte pelo todo/o todo pela parte. Um caso de metonímia é o sufixo latino *-āceus*, que formava na origem (principalmente) nomes que indicavam coletivos e/ou grandes quantidades, que legou ao português o sufixo *-aço(-a)*, que pode indicar o mesmo que em latim, como em *fumaça*, *vidraça* ou *balaço*, mas que passou a indicar não somente maior em quantidade, mas também maior em qualidade, como pode ser visto em *golaço*, *ricaço* etc. em que o sufixo não faz referência ao tamanho (*golaço* não é “um gol grande”), mas sim à superioridade do objeto/da propriedade em relação às características comuns.

Como entende Rainer, o ponto de partida dessa divergência semântica deve ter sido o de contextos em que um exemplo prototípico de um referente com tamanho grande tenha sido avaliado como superior a um de tamanho normal (o mesmo fenômeno é observado no espanhol peninsular). Nesse caso, a mudança de quantidade para qualidade (atribuída ao sufixo) caracteriza evidentemente uma mudança de padrão de formação de palavras.

4 Resende (2020) defende que a mudança semântica pode ser motivada (ou potencializada) por uma perda do reconhecimento da constituição estrutural da palavra; no caso, *se-* e *tra-* não são mais identificáveis como prefixos do português da mesma forma que *con-*, *in-*, *intro-* etc.

Maurício
Sartori
Resende

Rodolfo Ilari

254

Com relação à METÁFORA, nem sempre é fácil encontrar na história da língua casos em que a aplicação desse mecanismo tenha resultado em um novo padrão de formação de palavras. Talvez o exemplo clássico do português seja o dos nomes agentivos que, por extensão metafórica, passaram a designar nomes de instrumento, como é o caso de *-(d)or* em *cortador*, *abridor*, *ralador* etc. A ideia é que a agentividade atribuída originalmente por esse sufixo a um agente humano passou a ser atribuída também a certos objetos, de modo que esse sufixo atualmente forma tanto nomes agentivos quanto nomes instrumentais.

A ELIPSE é o processo em que uma certa unidade (ou parte de uma estrutura) é elidida (isto é, não pronunciada) de tal forma que a unidade (ou parte da estrutura) restante assuma o significado do todo⁵. O português está repleto de exemplos de elipse tanto no domínio sintático, casos em que palavras inteiras são elididas, como em *meia* [*entrada*], [*estação*] *rodoviária*, [*escova*] *progressiva*, quanto no domínio morfológico⁶, casos como *bi-* para *bissexual*, *penta-* para *pentacampeão*, *micro-* para *microcomputador* etc.

Um exemplo clássico do português (e da grande maioria das línguas românicas) é o da palavra *figado*, que tem sua origem na expressão latina *jecur ficatum*, que significava “fígado (*jecur*) cheio de figo” – isto é, “figádo” de *ficus* (‘figo’) –, fazendo referência à engorda das aves através de uma alimentação forçada à base de figos. Posteriormente, por elipse, a palavra *jecur* foi elidida, e *ficatum* passou a equivaler à expressão inteira, a qual legou *figado* ao português. Um outro exemplo que aparece na literatura é o da palavra *irmão*, que se origina no latim *frater germānus* – (‘irmão legítimo’), “filho dos mesmos pais” – que, pelo mesmo processo, perdeu a palavra latina para *irmão* – *frater* –, fazendo com que *germānus* significasse genericamente qualquer tipo de “irmão” (“legítimo” ou “meio-irmão”), legando ao português *irmão* (e *hermano* ao espanhol).

“ETIMOLOGIA POPULAR” é o rótulo que nomeia o processo de reanálise de uma palavra, por parte dos falantes, de modo que se observem regularidades (ou “motivações”) ausentes à primeira vista. Essa reanálise pode dar origem a uma nova palavra ou a um novo padrão de formação de palavras. Exemplos desse fenômeno são *gajão*, *sarampão* e *frangão* – palavras muito citadas na literatura como instâncias de DERIVAÇÃO

5 No limite, uma “metonímia sintática”.

6 Esse fenômeno também aparece tratado, às vezes, como instância de “lexicalização de afixo”, cf. Resende (2017) para uma crítica a esse tratamento e para uma explicação alternativa.

REGRESSIVA – em que a parte final da palavra (isto é, a terminação -ão) foi reinterpretada como um sufixo de aumentativo, derivando as palavras *gajo*, *sarampo* e *frango*, que são justamente as formas do português contemporâneo.

No domínio morfêmico, um exemplo de etimologia popular é o do prefixo⁷ *auto-* (do grego, *autós*) que significava algo como “de si mesmo, por si mesmo” e que, a partir da palavra *automóvel* (do francês, *automobile*), com o sentido de “algo que se move por conta própria”, foi reinterpretado como sendo um prefixo relativo a veículo, como aparece em *autódromo*, *autoescola*, *autopeças* etc. Nesse exemplo, a partir de uma reanálise por parte dos falantes (ou etimologia popular), *auto-* passou a ter um outro sentido, de tal forma que, contemporaneamente, a melhor paráfrase para a palavra “*automóvel*” é “um veículo que se movimenta” – em vez de “algo que se movimenta por conta própria”.

Como adiantado, posteriormente ao(s) processo(s) de reinterpretação, ou seja, depois que uma palavra complexa sofreu uma mudança semântica, alguns traços do novo significado podem se tornar um padrão autônomo. Conforme Rainer (2005, p. 429), sob essa perspectiva, existem dois tipos de rearranjos, a saber, a irradiação e a reestruturação. A IRRADIAÇÃO pode ser definida como a transferência de um traço semântico “flutuante”, ou seja, um traço que não tem nenhuma contraparte formal imediata; por exemplo, quando um sufixo com sentido vago ou genérico assume uma acepção especial em virtude do sentido da palavra à qual ele está adjungido.

Dos casos arrolados, isso deve ter ocorrido com *-aço* que, de uma ideia geral de grande quantidade, passou a ser usado com um sentido especial de portador de qualidade superior. Interessante notar que esse é um movimento que parece ter ocorrido com vários sufixos aumentativos (e diminutivos), como visto em *mulherão* – que não denota uma mulher grande – ou *timeco*, *livreco*, que não fazem referência a um time pequeno ou a um livro pequeno, mas a um time/livro de qualidade inferior.

Por sua vez, a REESTRUTURAÇÃO pode ser definida, de acordo com Rainer, como uma mudança na estrutura dos constituintes, a qual provoca uma mudança no significado. Exemplos desse tipo de fenômeno

Mudança
semântica e
formação de
palavras

255

7 Convém observar que a caracterização desse tipo de morfema como prefixo não é consenso na literatura. Há autores que defendem que se trata de uma raiz, dada sua independência de significado e/ou maior facilidade de identificação do conteúdo lexical. Independentemente da análise que se endosse, as generalizações feitas neste artigo podem ser mantidas – mas cf. Rocha (1998) para discussão.

pode ser visto nos casos de elipse, bem como no caso de *auto-*, isto é, quando uma palavra composta se torna uma palavra simples ou quando uma raiz se torna um afixo.

Em síntese, existe um certo conjunto de fenômenos de mudança semântica (dos quais este trabalho apresentou quatro) que têm consequência na criação de novos processos de formação de palavras, por meio da irradiação de traços de semânticos ou da reestruturação das peças morfológicas que compõem a palavra.

Maurício
Sartori
Resende

Rodolfo Ilari

256

Desses quatro processos, elencados por Rainer como os principais representantes da mudança semântica lexical, dois são figurativos (metáfora e metonímia) e envolvem uma mudança que é codificada no nível do significado propriamente; um é estrutural (elipse) e subjaz uma reanálise da constituição vocabular, e um é cultural (etimologia popular), no sentido de que requer um olhar do falante sobre sua língua, seguido de uma reinterpretação das partes da palavra.⁸ À primeira vista, isso significa que não há uma motivação preterida para o ato da inovação. A mudança pode ser condicionada a fatores semânticos, estruturais ou culturais, da mesma forma que, depois da *convencionalização*, a estabilização do sistema linguístico pode apresentar tanto uma mudança semântica quanto um novo padrão de formação vocabular.

Para os casos arrolados, pode ser mantida a afirmação de Jaberg (1965) de que o significado do novo padrão do processo de formação de palavras depende do significado da sua base – o que também foi constatado por Rainer (2005). Cumpre, então, observar alguns exemplos do português que põem em xeque a conclusão de que essa afirmação seja um “princípio” – no sentido de se aplicar a todos os casos.

Para Rainer (2005), um outro tipo fundamental de mudança semântica nos processos de formação de palavras é a APROXIMAÇÃO. De acordo com o autor (p. 431), trata-se de um processo de formação em que a relação entre um padrão de formação de palavras e um “neologismo” formado a partir dele não é de um para um, mas é mediado por processos de metáfora ou metonímia. Esse tipo de mecanismo também apresenta subdivisões: ocorre aproximação quando a mediação metafórica ou metonímica se dá (i) no nível do padrão de formação de palavras como um todo ou (ii) no nível da base (ou raiz).

8 Agradecemos a um dos pareceristas anônimos por sinalizar esse fato.

Um exemplo do primeiro caso em português é o sufixo *-ite*, que significa basicamente “inflamação de x” em que “x” se refere a alguma parte do corpo, como observado em *hepatite* (‘inflamação no fígado’), *apendicite* (‘inflamação no apêndice’), *bronquite* (‘inflamação nos brônquios’) etc. Mais recentemente, esse sufixo passou a ser empregado (em um sentido metafórico relacionado a “doença”) com nomes/bases que não se referem a partes do corpo, mas a elementos para os quais se desenvolveram certos males, vícios ou cacoetes, como é o caso de *paixonite* e de outros exemplos (menos comuns, mas já dicionarizados) como *diploquite*, *reformite*, *reunionite*.

Como observa Rainer, esse fenômeno não pode ser tratado como reinterpretação na medida em que não é caso de existir algum termo médico, terminado em *-ite*, que sofreu uma mudança semântica e eventualmente levou a uma irradiação sobre o próprio sufixo, que teria assim passado a significar “tendência excessiva a x”. Nesse caso, foi o próprio sufixo – independentemente de sua base – que, por meio de uma extensão metafórica, assumiu um outro significado, criando um novo padrão de formação de palavras, qual seja: o de nomes formados em *-ite*, que não se referem a inflamações.

No que tange aos casos de aproximação no nível da base, um exemplo do português é fornecido por Gonçalves (2016) e tem a ver com a produtividade dos nomes de sanduíche que começam com *x-* (como em *x-bacon*, *x-salada*, *x-tudo*, *x-egg* etc.). Como comenta o autor, essa formação se deve aos nomes de sanduíche que começam com *cheese* (‘queijo’), que é pronunciado como [tʃi:z] em inglês e como [ʃis] em português, devido às adaptações fonológicas. Em inglês, *cheese-* é a base de um composto (que se refere a queijo); em português, *x-* é um prefixo que não se refere a queijo, mas a sanduíche, e a base à qual *x-* se adjuge indica o conteúdo desse sanduíche.

Dessa forma, à luz das ideias de Rainer (2005), esse fenômeno pode ser analisado como uma aproximação no nível da base, por extensão metonímica. A base que significava “queijo” passa a significar “sanduíche”, por metonímia, sem que haja algum lanche cujo nome sugira tal mudança semântica. No melhor dos casos, há também uma reinterpretação fonológica, diante de uma adaptação fonotática, comum em empréstimos, seguida de uma identificação de “x”; porém, a mudança *semântica* da base parece ter seguido um percurso que independe de (ou que apenas acompanha) alguma adaptação fonotática. De fato, os

significados continuam relacionados, pois se está diante de um caso de metonímia, e “x” não significava “sanduíche” em português antes do surgimento desse prefixo.

Naturalmente, seria conveniente encontrar mais exemplos de aproximação para dar maior consistência ao reconhecimento de um padrão de mudança morfossemântica. De todo modo, se as análises oferecidas nesta seção estiverem na direção correta, os dados do português corroboram a tipologia proposta por Rainer (2005), bem como sua análise dessa tipologia – no que tange à formalização do percurso da mudança semântica nos processos de formação de palavras – e invalidam a hipótese de Jaberg (1965) de que a mudança semântica dos afixos depende da mudança das bases com que eles co-ocorrem.

Casos como o do sufixo *-ite* e do prefixo *x-* mostram que as peças morfológicas podem seguir seu curso independentemente e que “palavra” não é uma unidade privilegiada no que diz respeito à mudança semântica, ou seja, “palavra” não é uma unidade que corresponde a um alvo privilegiado de mudança semântica, mesmo dentro dos padrões de formação vocabular. Dessas considerações, convém tecer alguns comentários acerca da interface entre diacronia e sincronia e da noção de palavra.

3. Mudança semântica e formação de palavras

A presente seção traz algumas observações – metodológicas e teóricas – a respeito das consequências geradas por fenômenos depreendidos – e interpretados – à luz de uma tipologia da mudança semântica, como aquela apresentada em § 1. Como comentado na introdução, a cisão entre sincronia e diacronia é uma diretriz metodológica tão antiga quanto a própria instituição da Linguística como Ciência. A principal crítica que se faz a análises que mesclam critérios e/ou elementos dos planos sincrônico e diacrônico vale-se da tese (correta e coerente) de que o conhecimento da história de uma língua não explica como o conhecimento linguístico está armazenado e organizado na mente/cérebro dos falantes, da mesma forma que a depreensão de um sistema sincrônico, que faz previsões sobre o funcionamento da língua, não tem o compromisso de explicar (e nem mesmo de corresponder a) o percurso documentado do itinerário de uma língua ao longo de tempo.

De todo modo, alguns estudos e alguns fenômenos sugerem haver uma relação sistemática entre o percurso diacrônico e o funcionamento do sistema sincrônico, o que contradiz a crença de que não ha-

Maurício
Sartori
Resende

Rodolfo Ilari

258

veria nenhuma relação entre sincronia e diacronia.⁹ Como mostrado, essa relação se manifesta sob a forma de restrições de combinação entre certas bases – e/ou raízes – e certos afixos (BRINTON, 1995), bem como na seleção de alomorfes (RIO-TORTO, 2014; RESENDE, 2018) e à luz do fato (mais diretamente relacionado à discussão de §1) de que processos sincrônicos podem sinalizar uma mudança semântica.

Resende (2020) propõe três critérios, isto é, três processos morfológicos sincrônicos que sinalizam quando uma dada raiz está em processo de mudança semântica. O primeiro deles se insere no domínio derivacional e afirma que uma mesma raiz sempre dispõe do mesmo sufixo para formar palavras derivadas, com a mesma “função”; por exemplo, nas nominalizações; quando um sufixo diferente é empregado, pode-se estar diante de uma mudança de significado da mesma raiz, observado em *curtição* e *curtida* (e *curtimento*), apresentados na introdução, mas também em *agitação* e *agito* ou *contação* e *contagem*.

Um segundo critério proposto pelo autor é o da seleção de alomorfes. Normalmente, uma raiz vai dispor do mesmo alomorfe nos mesmos contextos, como pode ser visto em *abduzir/abductor*, *conduzir/condutor*, *introduzir/introdutor*, mas não *deduzir/*dedutor*. O raciocínio é o de que a má formação do mesmo tipo de nome (no caso, agentivo) com o mesmo alomorfe (isto é, *duz* → *duc*) é uma pista de que a raiz não é mais semanticamente identificada como sendo a mesma. Houve mudança.

Finalmente, o terceiro critério tem a ver com morfologia flexional e sugere que uma mesma raiz pertence ao mesmo paradigma flexional, como pode ser visto em *fazer/fiz/fez* ao lado dos correspondentes derivados *refazer/refiz/refez*. Já para os derivados do verbo *ter*, por exemplo, muito embora seu paradigma flexional seja familiar a qualquer falante do português – *ter/tive/teve* –, não é raro encontrar falantes que, na fala espontânea, produzem formas como *manter/manti/manteu*, de tal modo que (à luz desse critério) não interpretam mais *manter* como pertencendo ao mesmo conjunto de palavras derivadas da raiz de *ter*.

O mesmo se aplica ao verbo *entreteter*, cuja forma de primeira pessoa do singular do presente do indicativo não é, na fala vernácula, *entretenho*, mas sim *enterto* –, e a terceira pessoa do singular do perfeito é *enterteu* em vez de *entreteve*. A hipótese é que, a despeito de a gramática tradicional condenar as duas formas vernáculas, elas continuam apare-

9 Análises pancrônicas dos fenômenos linguísticos já aparecem em estudos funcionalistas e cognitivistas.

cendo espontaneamente em variedades não padrão, porque os falantes não reconhecem mais *entreter* como sendo da mesma raiz de *ter* e, por conta disso, aplicam a esse verbo um novo paradigma flexional (o mesmo dos outros verbos da segunda conjugação).

Em resumo, esses três fenômenos sincrônicos são, como defende o autor, evidências de que a raiz está passando (ou passou) por um processo de mudança semântica: raiz nova, novas restrições ou novas preferências morfológicas. Seguindo essa mesma direção, em § 1, este artigo mostrou que a regularidade e sistematicidade dos padrões de formação de palavras é sensível à “mudança lexical”, ou seja, é possível constatar a mudança no comportamento (morfológico e semântico) de um afixo quando se observa uma mudança semântica na base/raiz com que ele ocorre, como é o caso das mudanças provocadas por metonímia, metáfora, eclipse e etimologia popular. A conclusão disso é a de que a alteração nos processos morfológicos sincrônicos também atesta a mudança semântica.

Adicionalmente a esses casos, outra questão que os fenômenos apresentados em § 1 levantam é a do estatuto de PALAVRA. Como adiantado, a discussão de se “palavra” é uma unidade privilegiada em algum nível de análise tem ocupado um lugar central nos trabalhos de morfologia desde, pelo menos, Marantz (1997). Conforme argumenta o autor, “palavra” não é um nível de análise privilegiado nem do ponto de vista fonológico nem dos pontos de vista estrutural e semântico.

No nível da Fonologia, existem elementos que se costuma chamar de “palavra”, mas que não constituem o que se considera uma PALAVRA FONOLÓGICA, da mesma forma que há elementos não tratados como “palavra” que são palavras fonológicas. Exemplos dessa assimetria são vistos em *guarda-chuva* e *pré-escola* (uma palavra morfológica, duas fonológicas) e em *o menino* e *me leva* (duas palavras morfológicas, uma fonológica). Do ponto de vista semântico, a palavra ou ITEM LEXICAL também não parece corresponder a nenhuma unidade privilegiada de sentido, como pode ser observado em *apoiar/dar apoio*, *engarrafar/pôr em uma garrafa* e *suavizar/tornar suave*. Muito embora alguém possa encontrar alguma nuance de significado, não é verdade que as palavras denotam alguma coisa diferente do que as construções (sintáticas) envolvendo verbos e objetos.

Por fim, do ponto de vista estrutural, Marantz argumenta que “palavra” não apresenta um estatuto especial pelo fato de que não codifica estruturalmente uma relação especial entre som e significado. Naturalmente, existem formações NÃO COMPOSICIONAIS no nível vocabular tais

Maurício
Sartori
Resende

Rodolfo Ilari

260

como *camisinha* (≠ camisa pequena), *acabamento* (≠ evento de acabar) e *transmissão [do carro]* (≠ evento de transmitir [o carro]), da mesma sorte que há *fazer uma limpa* (≠ limpar), *pegar um resfriado* (≠ segurar um resfriado), *ter uma queda por alguém* (≠ cair por alguém). Estruturas maiores que palavras podem ter significados especiais, ou correspondências especiais entre som e significado, tanto quanto “palavras”.

Adicionalmente a essas observações, o que os casos de aproximação discutidos em § 1 mostram é que “palavra” não é uma unidade privilegiada diacronicamente, no domínio da mudança semântica – contrariamente a Jaberg (1965). Como argumenta Rainer (2005), os processos caracterizados como aproximação mostram que um afixo pode seguir um caminho diferente que não depende da base/raiz com que ele normalmente ocorre, e isso depõe contra o tratamento especial de “palavra” no âmbito da análise diacrônica.

Portanto, os casos do sufixo *-ite* e o do prefixo *x-* ilustram mudanças semânticas e, mais especificamente, mudanças de padrões morfológicos, que não têm a ver com alguma unidade especial para além do próprio afixo. Nesse sentido, a conclusão é a de que o fenômeno da mudança semântica corrobora a hipótese de Marantz (mas em outra perspectiva) de que não há nada de especial ou autônomo na unidade que se chama de “palavra”.

4. Considerações finais

Este artigo tratou da relação entre mudança semântica e formação de palavras. Mais especificamente, explorou a tipologia proposta por Rainer (2005) – em resposta ao trabalho de Jaberg (1965), aplicando-a ao PB, e mostrou que os fenômenos dessa língua corroboram a teoria da mudança semântica de Rainer. Adicionalmente a isso, este estudo se valeu das conclusões atingidas pela aplicação da tipologia de Rainer (2005) para discutir duas questões recorrentes e atuais nos estudos em Morfologia.

A primeira questão tem a ver com os limites entre diacronia e sincronia. Muito embora essas fronteiras sejam metodologicamente necessárias, este artigo mostra que processos morfológicos sincrônicos podem ser utilizados como pistas de mudanças diacrônicas, da mesma sorte que alguns processos morfológicos parecem levar em conta informações genolexicais como forma de impor restrições ou manifestar preferências de combinação entre bases/raízes e afixos. A segunda

questão versa sobre o estatuto de “palavra”. Seguindo a linha de autores que têm argumentado contra o estatuto especial de “palavra” nas análises sincrônicas, os mecanismos de mudança por aproximação mostram que essa unidade não tem nenhum estatuto privilegiado também no domínio diacrônico.

Em resumo, este trabalho apresenta ideias que podem contribuir para o entendimento – e mapeamento formal – dos mecanismos de mudança semântica e, além disso, levanta questões pertinentes aos estudos morfológicos recentes; em particular, sobre a relação entre diacronia e sincronia e sobre qual é (ou qual deve ser) a unidade de análise morfológica. As conclusões e generalizações atingidas neste estudo, bem como as consequências da presente análise e interpretação dos fatos agudam – e convidam – trabalhos futuros.

Maurício
Sartori
Resende

Rodolfo Ilari

262

REFERÊNCIAS

BRINTON, Laurel J. The Aktionsart of deverbal nouns in English. In: BERTINETTO, Pier Marco et al. (Ed.). **Temporal reference, aspect and acionality**. Torino: Rosenberg & Sellier, 1995. p. 27-45.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

JABERG, Karl. Ordinal-und Bruchzahlwörter. In: NEUE FOLGE, S. Heinimann (Ed.). **Sprachwissenschaftliche Forschungen und Erlebnisse**. Bern: Francke, 1965. p. 160-176.

MARANTZ, Alec. Sem escapatória da sintaxe: não tente fazer análise morfológica na privacidade do seu próprio léxico. **ReVEL**. Porto Alegre, v. 13, n. 24, p. 8-33, 2015 [1997].

RAINER, Franz. Semantic change in word formation. **Linguistics**, Berlim, v. 43, n. 2, p. 415-441, 2005.

RESENDE, Maurício Sartori. Elipse morfológica: uma análise sintática para formação de palavras. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, v. 57, p. 341-365, 2017.

_____. Competência morfológica e gênese histórica: limites entre diacronia e sincronia. **Filologia e Linguística portuguesa**. São Paulo, v. 20, n. 1, 2018. p. 61-76.

_____. Mudança semântica diacrônica no domínio intravocabular: o caso das raízes 'cranberry' do português, In: ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel (Org.). **História semântica do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 120-145.

RIO-TORTO, Maria Graça. Desafios em Morfologia: história e (re) conhecimento. In: Viaro, Mário Eduardo (Org.). **Morfologia histórica**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 31-57.

ROCHA, Luiz Carlos Assis. **Estruturas morfológicas do português**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIARO, Mário Eduardo. Linguística da comunicação e linguística descritiva: os eixos sincrônico e diacrônico nos atuais modelos de morfologia. **Estudos Linguísticos**, v. 41, n. 1, p. 277-290, 2012.

*Mudança
semântica e
formação de
palavras*

263

